

SONHOS, UTOPIAS E DISTOPIAS EM A *REPÚBLICA DOS SONHOS* DE NÉLIDA PIÑON

Roniê Rodrigues da Silva¹

RESUMO: Partindo das considerações de Homi Bhabha (1998) a respeito da natureza das narrativas pedagógicas e performativas, e de outros referenciais teóricos que discutem a emergência dos discursos utópicos e antiutópicos, o presente estudo objetiva realizar uma leitura crítica do romance *A república dos sonhos*, da escritora carioca Nélide Piñon, problematizando a representação da identificação da América e do Brasil a partir da vivência migrante do personagem protagonista, a qual transcorre nos limites do sonho, da utopia e da distopia.

Palavras-chave: migrante, utopia, distopia.

DREAMS, UTOPIAS AND DYSTOPIAS IN A *REPÚBLICA DOS SONHOS* OF NÉLIDA PIÑON

ABSTRACT: From the considerations of Homi Bhabha (1998) about the nature of the pedagogical and performative narratives, in addition, another theoretical references that discuss the emergence of utopian and anti-utopian speeches, the present research aims to perform a critical reading of the novel *A república dos sonhos* of the writer Nélide Piñon, questioning the representation of the identification of America and Brazil through the migrant experience of the protagonist character which happens in the limits of the dream, utopia and dystopia.

Keywords: migrant, utopia, dystopia.

Publicado em 1984, o romance *A república dos sonhos*, da escritora contemporânea Nélide Piñon, conta a saga do personagem espanhol Madruga, em terras brasileiras, dos primeiros aos últimos anos de século XX. Oscilando entre o sonho, a utopia e a distopia, as ações do protagonista ajudam a constituir uma cartografia da sociedade brasileira que, na narração de Piñon, conquanto se denomine como uma espacialidade sonhada, não se funda de maneira conciliadora. O mapa da *república dos sonhos* é antes um espaço crispado no qual se expõe uma trama urdida com restos de representações ficcionais, remetendo o leitor às questões que vêm da modernidade para a pós-modernidade, traduzindo fragmentos narrativos marginais, narrativas de vida, de família e até históricas, como algo complexo e dialógico.

¹ Professor Adjunto IV do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Literatura Brasileira, RN, Brasil, rodrigopinon2014@gmail.com.

Nesse sentido, o texto de Nélida surge, para usarmos uma expressão do historiador Eric Hobsbawn (1998), da perspectiva da margem da nação ou de lugares liminares, do exílio de imigrantes, temas que vem sendo representados pela literatura pós-colonial. A escrita de Piñon pode ser reconhecida como o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente, nos termos sugeridos pelo crítico Homi Bhabha (1998) a respeito das narrativas performativas, problematizando os deslocamentos sociais e a exclusão das vozes anômalas, como a do imigrante, do exilado, do preso político, do louco e do escravo.

No princípio da história, o narrador personagem, o ainda jovem Madruga, vai construindo fantasias e imagens que, ao seu gosto, moldam o território americano ainda desconhecido por ele:

Havia, no entanto, em Sobreira a prática de se falar da América como fonte de cura para todos os males e a exorcização dos demônios. Um debate que iniciava às vezes ao café da manhã, tomado em meio ao frio e à neblina entrando pelas frestas das janelas e da porta, terminando depois do jantar. Cada membro da família emprestando à América uma fantasia a seu gosto. E que se tornou para mim uma inevitável convocação. Como se fora da América restasse o degredo. [...] – E o senhor já esteve na América? Ali deve estar o paraíso, não é? Eu dizia às pressas, antes de Urcesina me expulsar da sala [...]. (PIÑON, 1997, p. 24).

Ainda em território espanhol, a América se apresenta para o personagem europeu como uma terra boa e rica, semelhante àquela prometida a Moisés, no texto bíblico. Farmaceuticamente, ela se mostra como um lugar de curas e, através do olhar maravilhado do menino Madruga e de uma série de narrativas nômades vai sendo pintada de forma edênica:

Aquilina foi a primeira mulher a me falar da América com um conhecimento de quem ali pôs os pés e os escaldou. [...] Sua voz rouca quase lhe fugia da garganta, mas ainda assim Aquilina teimava em afirmar que o universo não prestava, exceto o novo continente. (PIÑON, 1997, p. 26).

O jovem Madruga não reage de forma passiva à palavra ouvida. Esta acaba provocando nele um efeito de espelho, de “mise in abime”. A falação sobre a América vai transformando-se no alimento da alma que impulsiona o personagem para a aventura, no chamado do oceano que age no menino como uma vocação dos mares, que o impele a vivenciar as histórias ouvidas na distante aldeia espanhola. Por meio dessas histórias, a

América se ergue fundada na sedução, no sonho, convocando o pobre aldeão europeu a mover-se na sua direção:

Assim, os europeus vieram às Américas conhecer o que já conheciam nas lendas e no desejo: as origens configuradas em imagens do Paraíso perdido e do homem natural. Tais imagens mesclavam relatos pagãos às tradições cristãs, a Idade do Ouro à concepção de um espaço-raiz a ser recuperado. Síntese é a persistente imaginação de um Eldorado, verdadeira utopia em múltiplas versões [...] (PINTO, 2001, p. 201).

Olhando lá da aldeia da velha Europa, a América transforma-se para o personagem de Piñon num “Eldorado” a ser desbravado, conquistado como uma mulher esquiva ao cortejo do enamorado, que deseja tomá-la, penetrá-la com firmeza, perseverando no sonho. Dessa maneira, na travessia do Atlântico, Madruga transforma-se no novo Colombo, no novo Cabral em busca de suas Índias com riquezas e especiarias. A Europa que fica para trás é metáfora do cárcere, da prisão, enquanto a nova terra se insinua para o imigrante como o sonho da liberdade, a ideia do progresso e do enriquecimento.

Na gênese do sonho do protagonista de *A república dos sonhos* está a embriaguez dos sentidos, o entrelaçamento do ébrio e do sóbrio. Ele carrega marcas de uma identidade fundamentada no hiperbólico. Em solo americano, o imigrante que parte de um continente envelhecido procura encontrar um lugar que representa o vigor, a virilidade, o remédio e a saúde para a própria vida. A construção de um espaço Nação pela perspectiva de Madruga se desenvolve, então, a partir da visão do menino, do ainda jovem rapaz que alimenta um imaginário fecundo a respeito da nova terra.

Para a cultura judaico-cristã, seria possível afirmar que a república sonhada ao longo de toda uma existência, semelhante ao que ocorre ao personagem de Piñon, equivale à idealização de uma determinada territorialidade. Inicialmente apareceria como uma promessa divina, por meio da narrativa bíblica, e depois através da narração filosófica e literária com obras como *A república* de Platão e *A utopia* de Tomas More. Nesse sentido, pensar numa espacialidade dos sonhos sempre foi, como nos sugerem as imagens surgidas nesses relatos fundamentais da cultura ocidental, imaginar uma representação arquetípica.

De uma maneira geral, a utopia sempre fez parte da vida do homem, instigando-o à liberdade, a mover-se de uma situação defectiva para uma forma de vida mais aprazível. Nas sociedades ditas primitivas, o discurso utópico é encontrado em forma de lendas e crenças que

apontam para uma possível felicidade num lugar melhor de se viver. Posteriormente, nas sociedades históricas, este discurso tem sido retomado pelo pensamento religioso, que reedita a ideia do paraíso perdido, mas que pode ser alcançado, retomado pelo homem num futuro redentor. Igualmente, nessas mesmas sociedades, o discurso político emerge como promessa da ordem e do progresso. O texto de Platão, por exemplo, é fundamentalmente baseado na realização de uma utopia política. A sua imaginação de habitar uma cidade perfeita se relaciona com a garantia do direito à igualdade, à justiça, à educação, o que mais tarde será retomado por Tomas More em *A utopia*.

Essas imagens paradisíacas que nascem do discurso bíblico e são, posteriormente, retomadas nos escritos do filósofo e do escritor inglês estão na gênese do romance de Nélida. Sonha-se com uma América, com um Brasil: “O europeu começa por inventar uma América que seja adaptável ao seu sistema de concepção do homem e do mundo.” (BARBOSA, 1994, p. 22). Nessa perspectiva é que podemos afirmar que a construção identitária da república dos sonhos não se inicia com a chegada do espanhol Madrugá ao continente americano. O protagonista já carrega consigo uma imagem construída, uma representação sonhada a respeito da nova terra e que se desenvolve diante de suas condições sociais na Europa. Tratam-se de condições adversas que o impulsionam a partir em busca de um novo lugar. De tanto ouvir falar sobre a América, Madrugá constrói um sistema de crenças a partir de um discurso ideológico que serve de propaganda política para atrair a mão de obra migrante, que, ingenuamente, mistura as imagens elaboradas por tais discursos apelativos com aquelas que emergem de seu sonho individual. De acordo com Oliveira (2001, p. 16):

Agentes a serviço de sociedades de imigração anunciavam, em várias cidades europeias, o Brasil como terra da promessa. Recebendo uma porcentagem sobre o número de embarcados, essas figuras seduziam aqueles que, sem alternativas, embarcavam num sonho que muitas vezes se tornava um verdadeiro pesadelo.

Movido pelo seu sonho individual e pela utopia do eldorado, o imigrante Madrugá aporta em terras brasileiras para constatar que aquilo que se mostrava nos discursos só existe enquanto representação fajuta. No novo mundo, ele não encontra uma sociedade ideal, que respeite as suas diferenças, que lhe entregue facilmente o ouro aspirado. Para realizar o sonho de fazer a América, terá que passar pelo pesadelo da miséria, experienciar o avesso do imaginado, daquilo que outrora foi sonhado, até compreender que a realidade corresponde a

uma espécie de distopia: “Destá maneira tornando-se difícil para o povo brasileiro descobrir em que instante exato da sua constituição social dera-se a ruptura entre o sonho de uma nação em crescimento e a prática de sua realidade”. (PIÑON, 1997, p. 36).

O dicionário *Webster* conceitua distopia como “lugar, estado ou situação hipotética em que as condições e as qualidades de vida são penosas”, indo de encontro à acepção semântica da palavra utopia. Conforme se verifica ao longo da trama de *A república dos sonhos*, a trajetória da personagem principal do romance é marcada por essa circunstância. Desde a sua saída da Europa, onde constrói e fundamenta os seus sonhos, até a sua escalada social em terras brasileiras, Madruga passa pelos limites do sonho, da utopia e da distopia num movimento circular, em que os tecidos ideológicos dessas construções estão sempre em circulação, definindo e redefinindo valores: “-Uma nação se constrói sobretudo com os olhos, o cansaço, o sonho, a ilusão e a morte dos que labutam diariamente e desse modo se preparam para admirar Da Vinci, Cervantes e Machado de Assis.” (PIÑON, 1997, p. 46).

À medida que a vivência do personagem principal vai desmanchando as ilusões construídas por seu imaginário, a nova terra parecerá uma territorialidade tão distópica como a que ele deixara para trás, desmistificando-se a linha imaginária entre civilização e barbárie. Doravante, Europa e América se igualam nas suas voracidades. Na condição de sujeito migrante, o protagonista da narrativa é como se fosse barrado no baile oficial, obrigado a recuar ou se fazer de penetra, ou ainda assumir a função destituída, nas cidades modernas, de guerreiro, inimigo a exercer um poder alternativo, paralelo, mas intensamente precário:

A vaidade do marido era compreensível. Eulália sempre sorriu diante daquele guerreiro solto no Brasil, desde os treze anos. E cuja trajetória não se igualava à daqueles homens que encontraram o banquete pronto, como seus próprios filhos. Quantas vezes Madruga forrara o interior do sapato com jornais para evitar que a água, nos dias chuvosos, entrasse pelo buraco da sola. Chegou ao Brasil com escassas moedas, emprestadas pelo tio Justo. E sem a língua portuguesa na boca e no coração. Só a vontade férrea alimentara-lhe o espírito indômito e selvagem. Por isso capaz de transitar facilmente da gentileza para a postura impenetrável, quase de inimigo. (PIÑON, 1997, p. 58).

É a distopia que imporá outras representações de espacialidade, que requisitará do personagem nelidiano outras experiências de subjetividade no sentido de afirmação do prefixo *dis*.

Em face das representações do discurso pedagógico e performativo, a professora Tânia Franco Carvalho (1994) usa o termo antiutopia para demonstrar as mazelas brasileiras na figura do índio Ipavu/Paiap na narrativa *A expedição Montaigne*, de Antonio Callado. Em sua apreciação crítica do texto literário, Carvalho problematiza o discurso pedagógico da História oficial, bem como as ideias fora do lugar do romance de fundação, apontando como Callado escreve as outras faces do índio brasileiro. Enquanto Iracema apareceria como o protótipo da visão conciliadora entre o branco e o índio, Ipavu/Paiap, personagem de *A expedição Montaigne*, remete-nos ao avesso da utopia, desmanchando as ilusões e as afirmações de igualdade social disseminadas, ao longo dos anos, pelos discursos utópicos.

No espaço das distopias, das antiutopias ou daquilo que seja avesso às utopias, a identificação americana não se associa facilmente ao novo Eldorado, nem para o nativo, nem para o estrangeiro. No desejo de concretizar o sonho, o imigrante, no contexto da nova territorialidade, se mostra como uma espécie de anti-herói que se lança às adversidades para construir um banquete para seus descendentes. No caso específico de Madrugá, uma análise do próprio nome revela um ser obstinado à luta. Ele é aquele que “madruga” em busca da realização dos sonhos, que não foge ao trabalho, não esmorece diante das dificuldades.

O sentido da distopia, que constitui um dos traços da identidade nacional em *A república dos sonhos*, emerge por uma associação da narrativa nelidiana com os parâmetros do discurso performativo. De acordo com Bhabha (1998), é na performatividade discursiva que as marcas ambivalentes da nação afloram, disseminando histórias heterogêneas. Enquanto o discurso pedagógico funda uma territorialidade homogênea, na qual o povo é visto como objeto, o performativo desestabiliza essa ideia, por meio da representação da alteridade:

A nação barrada ela própria (It/self) alienada de sua eterna auto-geração, torna-se, na forma liminar de representação social, um espaço que é marcado internamente pela diferença cultural e por histórias heterogêneas de povos em disputas, autoridades antagônicas e localizações culturais tensas. (BHABHA, 1998, p. 209).

O discurso pedagógico funda uma história conciliadora. Desse modo, serve as utopias clássicas, manipulando o sujeito no sentido de querer fazer acreditar num mundo impossível. Ao contrário, o discurso performativo põe em estado de perda o discurso das utopias, desmanchando as ilusões e as afirmações de igualdade social disseminadas, ao longo dos

tempos, pelo discurso da História oficial, pelas narrativas utópicas que quiseram fazer parecer a América o novo Eldorado, motivando a aquisição da riqueza como componente para alcançar a felicidade.

No texto de Piñon, ausência de simetria no que tange à identificação do personagem central opera na desconstrução do sonho e da utopia. Em condições de estrangeiridade, de sujeito deslocado, migrante, o personagem se constitui entre o duplo e a falta, entre um discurso de inclusão e de exclusão, vivendo o triste paradoxo de ter o coração dividido entre duas pátrias. Ambas, para ele, ásperas na realidade de seus cotidianos, até mesmo para o conquistador e sonhador Madruga, que descobre haver, além da lavra do sonho, a lavra do sofrimento, da dor, da rejeição, do desenraizamento.

O imigrante Madruga encontra-se em terras brasileiras como sinal de sua barra. Nesta espacialidade, encenam-se outras memórias das gentes migrantes, outras linhas divisórias de identidade: “Não te esqueças que somos imigrantes, portadores desta cretina carteira modelo 19. Facilmente sujeitos à expulsão. De nada valendo nossos protestos.” (PIÑON, 1997, p. 137).

As palavras do personagem assinalam as circunstâncias que envolvem os sujeitos em condições de alteridade estrangeira: povos em diáspora que a qualquer momento podem ser banidos e enviados de volta para a sua pátria. É sabido que no princípio do século XX, no ano de 1907, o governo brasileiro havia aprovado a chamada “Lei Adolfo Gordo”, que permitia expulsar do país qualquer sujeito estrangeiro envolvido em atividades suspeitas, subversivas e criminosas. O temor do personagem Madruga se basearia, então, no fato de poder ser confundido com um desses ou ser tomado como bode expiatório, o que o obrigaria a deixar o Brasil. Nesse caso, é vital para ele lembrar à família e aos amigos a condição de imigrante identificada por um documento e uma numeração que não lhe garantem o status de cidadão.

Kristeva (1994) discorre a respeito da problemática que acomete o indivíduo estrangeiro, lembrando que se o imigrante possui algum direito enquanto homem, são-lhe negados todos os direitos de cidadão, uma vez que ele é impedido de participar de qualquer decisão política, econômica e social mais relevante. Seus protestos ressoam surdos, ao ponto de ter a sua natureza de sujeito humano questionada: “Será ele inteiramente homem se não é cidadão? Não gozando os seus direitos de cidadania, possui os seus direitos de homem?” (KRISTEVA, 1994, p. 103).

Ao mesmo tempo, o imigrante torna-se o espelho que, ao fornecer a imagem do povo local, torna-se um perigo, pois revela aspectos das minorias que devem ser escondidos. Dessa maneira, a figura do estrangeiro revela-se frágil como vidraças expostas que, a qualquer momento, podem ser apedrejadas: “Nos primeiros momentos da rebelião, Madruga temeu que ao sabor dos eventos políticos se praticassem quebra-quebra contra os estrangeiros. (PIÑON, 1997, p. 142).

O estigma da estrangeiridade afeta ainda outros personagens de *A república dos sonhos*, como no caso de Venâncio duplamente marginalizado, tanto por sua condição de ádvena como pelo indício da loucura que manifesta. A doença do personagem permite enxergar o país sob o signo da distopia. Ao retratar o Brasil do século XIX com todas as suas intempéries, ele encena uma espécie de negativo de Pero Vaz de Caminha, escrevendo nova carta do descobrimento de um Brasil também em negativo. A atitude de evasão, que indica gradativamente a demência, faz Venâncio (re)palmilhar o território brasileiro com divagações, sinais de delírio, a desenhar um mapa secreto em sua fantasmagórica viagem pelo século XIX em que revela como a violência e a exploração foram partes constitutivas de nossa identidade nacional:

Venâncio gostava, nessas horas, de proclamar que o Brasil constituíra-se, desde sua fundação, de uma escória que tão cedo aqui ancorou suas naus, imediatamente apressou-se em abater, num único golpe de machado, árvores seculares, animais, índios, sem qualquer piedade. Não havendo entre aqueles homens uma só voz a lastimar o espírito predatório a ser aqui instalado. Ou se por um esboço inicial de civilização, que se amparava na covardia, na indiferença e na injustiça. (PIÑON, 1997, p.241).

Do sonho à utopia, à distopia e à loucura, desfaz-se a visão do Brasil como um espaço idílico, metáfora da terra prometida. O discurso alienante de Venâncio revela-se apinhado por uma crítica que reescreve a História do Brasil, desmanchando a linearidade dos escritos oficiais. Exilado na própria demência, o personagem lança o olhar para as ruínas coloniais, a fim de trazer à tona a verdade sobre o processo de colonização. Nesta, a nação, pedagogicamente cantada como berço esplêndido, signo da utopia, é representada pelo seu avesso, manifestando a violência da fundação.

Assim como ocorrera com o protagonista da narrativa, Venâncio chega ao Brasil seduzido pelos mesmos discursos que motivaram Madruga a partir ao encontro do novo continente: relatos escritos e orais que mitificam na Europa a imagem da América. Tanto ele

como Madruga aportam no novo lugar, seguindo os rastros e roteiros de tantos outros estrangeiros que os precederam. O imaginário de ambos é, nesse sentido, uma cópia construída a partir de um estoque de imagens preexistentes e já contaminadas. No entanto, o sonho de Venâncio não é o da fortuna, e sim o da aventura: “[...] Venâncio resistia a Madruga, que o queria ajudar. Desprendido dos bens materiais e dos fatos corriqueiros, a pretexto de existirem outras realidades, além daquela defendida por Madruga.” (PIÑON, 1997, p. 42). De origem cigana, o personagem não constrói seus sonhos em torno de paredes, de elementos materiais, mas o faz por meio da deambulação, da viagem. Há algo de quixotesco na sua personalidade, sobretudo quando a viagem que realiza é provocada pela leitura dos livros e pela loucura.

Ocorre que para ambos os personagens migrantes de *A república dos sonhos*, a América é a princípio um corpo desconhecido, uma zona a ser descoberta, da qual apenas se ouviu falar. De territorialidade a ser explorada, ela se transforma rapidamente em territorialidade exploradora. Se por um lado, o novo continente se mostra para o sujeito estrangeiro virtualmente atrativo, ele perceberá em seguida que acabou movido por imagens, miragens, imaginações. Em situação adversa, tanto Madruga como Venâncio tem de “inventar” sua história, mas não conseguem uma “fixação” no novo solo, embora Madruga consiga aportar sob certo peso histórico, constituindo família, gerando uma descendência na nova terra, enquanto Venâncio parecerá sempre à deriva, nauseado, descendo ao fundo do abismo de sua loucura.

O romance consegue, assim, tornar o imigrante não um tipo. Há imigrantes com experiências compartilhadas e experiências únicas, excedendo os significados da utopia e da distopia. No caso dos personagens de Piñon, Madruga e Venâncio servem de máscaras, fazem parte de uma cena teatral, são criações ficcionais, mas neles se encontra uma força de vida tal que são capazes de entrar nas histórias dos seres humanos reais e concretos, inclusive porque esse corte entre ficção e realidade é também instituição de poder. Entre o sonho, a utopia e a distopia, o imigrante faz circular o próprio ser migrante que habita em nós, no nosso próprio ser falante. Fala que migra incessantemente, sem porto, desancorada.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, João Alexandre. América: descoberta ou invenção. In: MEIHI, José Carlos Sebe Bom; ARAGÃO, Maria Lúcia (orgs.) *América: ficção e utopias*. São Paulo: EDUSP, 1994.

- BHABHA, Homi Komi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARVALHAL, Tânia Franco. O avesso da utopia. In: In: MEIHI, José Carlos Sebe Bom; ARAGÃO, Maria Lúcia (orgs.) *América: ficção e utopias*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- HOBSBAWN, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- PIÑON, Néida. *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997.
- PINTO, Maria Cecília de Moraes. Utopia/distopia. In: IZARRA, Laura P. Zuntini (org.) *A literatura da virada do século: fim das utopias?* São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- WEBSTER. *Webster's third new international dictionary of the English language, unabridged*. Springfield: G. & C. Merriam, 1981.

Recebido em: 15/11/2016.

Aceito em: 09/12/2016.